



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES – OSMAR DE AQUINO  
PRÓ-REITÓRIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA CULTURAL**

**O PÓS-MORTE NO IMAGINÁRIO CRISTÃO DE POETAS  
POPULARES REPRESENTADO EM CORDÉIS**

**ALUNO: RAFAEL COPPI BORGES  
ORIENTADORA: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega**

**Guarabira – PB**

**2011**

**RAFAEL COPPI BORGES**

**O PÓS-MORTE NO IMAGINÁRIO CRISTÃO DE POETAS  
POPULARES REPRESENTADO EM CORDÉIS**

Monografia apresentada ao curso de especialização em História Cultural da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus III, em cumprimento as exigências para de título de especialista em História Cultural, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega.

**Guarabira – PB**

**2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

B281p

Borges, Rafael Coppi

O pós-morte no imaginário cristão de poetas populares representado em cordéis / Rafael Coppi Borges – Guarabira: UEPB, 2011.

43f.II. Color.

Monografia Especialização (História Cultural - Trabalho de Conclusão de Curso - TCC) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega”.

1. Imaginário      2. Cordel      3. Inferno  
I.Título.

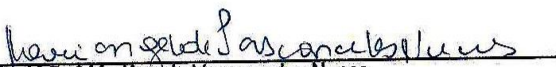
22.ed. 909.82

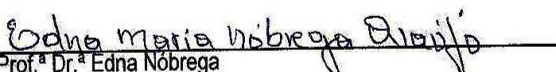
RAFAEL COPPI BORGES

O PÓS-MORTE NO IMAGINÁRIO CRISTÃO DE POETAS  
POPULARES REPRESENTADO EM CORDÉIS

BANCA EXAMINADORA

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega  
(Orientadora)

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariângela Vasconcelos Nunes  
(2º Membro)

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edna Nóbrega  
(3º Membro)

Guarabira – PB

2011

Dedico à minha esposa Danielle, que me deu apoio e compreensão para seguir firme no propósito de concluir este trabalho, a minha mãe Maria Helena, que sempre me incentivou em todos os momentos difíceis da minha vida, e a minha saudosa avó Mariquinha, conselheira e incentivadora no meu objetivo de continuar os estudos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, que em sua infinita bondade permitiu que eu chegasse a este ponto, e por tudo o que Ele me proporcionou durante toda minha vida. Agradeço a minha esposa Daniele pela compreensão e incentivo, a minha mãe Maria Helena, que sempre torceu para que eu desse continuidade aos estudos.

A todos os docentes da UEPB – Campus III, que contribuíram com minha formação acadêmica durante a graduação e em especial os professores e professoras do curso de Especialização em História Cultural, existente nesta instituição.

Aos amigos e amigas da turma de Especialização, os que concluíram comigo e também quem não pode trilhar todo o caminho, mas que de forma sincera souberam deixar a marca da amizade em nossos corações.

As Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariângela Vasconcelos Nunes e a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edna Nóbrega, pela disponibilidade em comporem a banca examinadora.

A Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega, pelo tempo dispensado à orientação deste trabalho, sempre com sabedoria e paciência buscou ajudar-me na medida do possível.

## RESUMO

Neste trabalho, busca-se a partir de referenciais teóricos como Evelyne Patlagean, Carlos Roberto F. Nogueira, Márcia Abreu e João José Reis, compreender a dinâmica do imaginário popular tendo como temática o pós-morte no imaginário cristão. Como fonte de pesquisa, foram aqui utilizados folhetos de literatura de cordel, por ser uma das mais significativas expressões do imaginário popular, sobretudo o nordestino, que se constituiu ao longo dos anos em um povo bastante ligado ao imaginário religioso, com diversas formas de expressões culturais. O imaginário aqui tratado refere-se a alguns poetas populares, não esgotando dessa forma outras possibilidades de representações do imaginário popular cristão do pós-morte nem tão pouco, outras interpretações. Neste estudo foram utilizados cordéis de alguns autores nordestinos como Leandro Gomes de Barros, José Costa Leite, Janduhi Dantas, José M. Lacerda, Gilmar Gonçalves e José Pacheco, sendo este trabalho limitado a alguns exemplares que não representam a totalidade das obras a cerca do tema em questão, mas que são indicadores das imagens que circulam no meio popular sobre o “pós-morte” cristão.

**Palavras-chave:** imaginário, cristão, popular, inferno, purgatório, céu/paraíso, cordel.

## ABSTRACT

In this work, we seek to from theoretical as Evelyne Patlagean, Carlos Roberto F. Nogueira, Márcia Abreu Joao Jose Reis, understand the dynamics of popular imagination as a theme with the afterlife in Christian imagery. As a source of research, were used here leaflets literature, work as one of the most significant expressions of popular imagination, particularly the northeast, which was formed over the years in a people closely linked to religious imagery, with various forms of expressions cultural. The imaginary treated here refers to some popular poets, not so exhausting other possibilities for representations of popular imagery of the Christian afterlife nor, other interpretations. This study used cordage of some authors as Northeastern Leandro Gomes de Barros, Jose Costa Leite, Janduhi Dantas, Jose M. Lacerda, Gilmar Goncalves and Jose Pacheco, this work is limited to a few copies that do not represent the totality of works about the topic in question, but which are indicators of the images that circulate in the popular on the "postmortem"Christian.

**Word-Key:** imaginary, Christian, popular, hell, purgatory, heaven / paradise, cordel



## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>9</b>
<b>Cap. 1: O inferno.....</b>	<b>15</b>
<b>Cap. 2: O purgatório.....</b>	<b>28</b>
<b>Cap. 3: O céu/ e ou paraíso.....</b>	<b>32</b>
<b>Considerações finais.....</b>	<b>40</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>42</b>

## INTRODUÇÃO

A existência do imaginário popular do pós-morte pode ser percebido em ritos fúnebres e religiosos, no entanto, as expressões artísticas de um povo também são reveladoras de um imaginário coletivo ou popular a cerca da morte e do que há de vir após a morte. O cordel é um tipo de literatura em que seus autores, utilizando-se de linguagem comum ao povo, expressam suas esperanças e angústias, crenças religiosas ou supersticiosas, desta maneira, o cordel é um espaço em que de forma bem humorada o poeta popular trata de um assunto que perturba as pessoas, ou seja, a morte. Depois dela o que existe? Como seria o inferno, o purgatório ou o céu? O cristianismo cria no imaginário do povo estes espaços de expiação e glória, porém, o próprio povo recria seu próprio imaginário a cerca destes espaços.

Através de cordéis que tratam de temas ligados ao pós-morte, tentaremos compreender algumas das reinterpretações populares sobre o “Além” (Inferno, Purgatório, Céu/e ou Paraíso), problematizando a partir da história do imaginário.

O imaginário tem se constituído já há algumas décadas em objeto de estudo da História, pois ele se forma a partir da vivência entre os homens ao mesmo tempo em que é no imaginário que o homem cria suas formas de viver em grupo e com a natureza, ou seja, é na imaginação dos seres humanos que todo o processo cultural se origina.

Em estudo sobre “a história do imaginário”, realizada por Evelyne Patlagean (1998), podemos observar como esta fonte de estudo é rica em informações que podem nos levar a compreender como homens e mulheres de épocas passadas imaginavam o mundo ao seu redor e como as instituições: Igreja, Estado, Escola, entre outras, influenciaram na construção de um imaginário coletivo que permanece presente até os dias atuais, ainda que com algumas mudanças. Segundo Patlagean (1998): “O domínio do imaginário é constituído pelo conjunto das representações que exorbitam do limite colocado pelas constatações da experiência e pelos encadeamentos dedutivos que as autorizam.”

O imaginário que aqui estudamos não se trata do fenômeno individual da imaginação, mas sim da constituição de um imaginário coletivo, que não é de maneira alguma homogêneo, como afirma Patlagean (1998): [...] “cada cultura,

portanto cada sociedade, e até mesmo cada nível de uma sociedade complexa, tem seu imaginário.” [...].

Como observamos, não é possível que o imaginário de um povo seja homogêneo, pois em cada sociedade existem divisões impostas pelos membros da própria sociedade que impedem tal homogeneidade, por isso, ao tratarmos do tema do imaginário do pós-morte no cordel se faz necessário dizer que esse imaginário é parte da cultura popular, pois seus autores são conhecidos como “poetas populares”, já que esse tipo de literatura se faz presente nas camadas tidas como socialmente inferiores e que não é reconhecida na maioria das vezes, por se tratar de um escrito de linguagem simples, mais ligada ao pensamento e expressão do povo.

Neste contexto, a morte ou preparação para morte estão intimamente ligadas ao imaginário cristão popular do pós-morte. O pensamento sobre a morte leva os seres humanos a se interrogarem sobre o que há de vir após a morte. Este pensamento sem dúvida está inserido nas tradições religiosas, que no Brasil são muitas e de diversos tipos, cada uma com seu imaginário a cerca do pós-morte. O imaginário a ser analisado aqui, remete às tradições cristãs, sobretudo as da Igreja Católica, que desde a colonização estabeleceu-se nestas terras e difundiu seus ensinamentos, aos quais estão inseridas as ideias de Inferno, Purgatório, Céu/e ou Paraíso. É nestes três pontos que o imaginário popular do pós-morte se faz presente em cordéis.

Essas literaturas em cordéis nos mostram como as pessoas chamadas “do povo” imaginam o paraíso, o inferno e o purgatório, a partir de suas interpretações dos ensinamentos da Igreja, essas pessoas reinventam o imaginário do pós-morte cristão representado nos cânones da Igreja, ligando-o as suas tradições regionais. Faz-se necessário esclarecer que o imaginário aqui tratado é o dos poetas populares, no entanto, podemos dizer que se trata de um imaginário popular, já que os poetas do povo representam em seus cordéis aquilo que observam em seu ambiente de convivência cotidiana, em outras palavras, os poetas representam em seus escritos as crenças, valores e anseios do povo, especificamente do nordestino.

Segundo João José Reis (1997) “As atitudes diante da morte e dos mortos foram tomando novas formas e novos sentidos ao longo do século XIX.” [...]. Reis nos mostra que as pessoas da época passaram a se preocupar mais com a morte:

[...] O tema se liga a uma das preocupações maiores dos homens e mulheres daquele tempo, a preocupação com uma boa morte. As concepções sobre o mundo dos mortos e dos espíritos, a maneira como se esperava a morte, o momento ideal de sua chegada, os ritos que a precediam e sucediam, o local da sepultura, o destino da alma, a relação entre vivos e mortos – eram todas questões sobre as quais muito se pensava, falava, escrevia e em torno das quais se realizavam ritos, criavam-se símbolos, movimentavam-se devoções e negócios. (REIS, 1997. p. 96)

Temendo as condenações do inferno ou do purgatório, como pregava a Igreja, as pessoas buscavam redimir-se de seus pecados, na tentativa de escapar da “condenação eterna” ou da “morte da alma” que seria a ida para o inferno:

A rigor não havia morte, já que se vivia em profundidade a crença na imortalidade da alma. Esse princípio geral era, no entanto, cheio de variáveis. Na tradição católica do Além, a morte existia apenas nos casos em que a alma fosse dar no inferno. [...] Tal destino resultava de condenação no julgamento individual em seguida ao falecimento, que, além do inferno, podia ter resultado a absolvição absoluta, e então alcançaria o Paraíso, ou a condenação mais leve e mais comum de expiar as culpas no Purgatório. [...] (REIS, 1997. p. 97)

É esta proximidade entre a vida e o Além que vamos tentar mostrar com a análise de alguns cordéis que mostram a relação entre a vida material e o imaginário dos poetas populares sobre o pós-morte. A literatura de cordel, desde a publicação do livro de Roger Chartier (1990), “A história Cultural: entre práticas e representações”, vem sendo sistematicamente utilizada como fonte para pensar a relação entre história e cultura.

O cordel é um tipo de literatura bastante lida no meio popular, talvez por se tratar de uma escrita de linguagem simples e de fácil entendimento. Sobre o cordel, Marcos Antônio Pessoa de França (2008), um pesquisador da cultura nordestina diz que [...] “é uma versão escrita dos versos populares e também é conhecido como romances de folhetos. Pode ser cantado ou declamado pelo autor ou vendedor para atrair o público”. (FRANÇA. 2008). Os livretos de cordéis não são produzidos em grande número, são cerca de mil exemplares por publicação, são impressos de forma artesanal ou pelo menos é a forma tradicional de se produzir um folheto de cordel. Segundo França, os cordéis:

São livretos ou folhetos de impressão simples e artesanal que antigamente eram colocados, para vendas, pendurados em barbantes ou cordas bem delgadas (cordéis), nas feiras livres,

mercados, estações rodoviárias ou ferroviárias, à vista do povo. [...] (FRANÇA. 2008. p. 27)

Em seu livro, Marcos França faz uma coletânea de diversos poemas populares em cantorias, literatura de cordel, entre outras formas de expressão da poesia popular nordestina. Vários temas são observados por França (2008), dentre os quais o tema da “A morte / A última morada”:

Alguém já disse “se a morte for um descanso, prefiro viver cansado”. Mas todos nós temos que morrer um dia. O fato é que, quando a morte chega, deixa um ambiente de tristeza, dor e luto pela perda de algum amigo ou ente querido. Mas, mesmo tendo medo do desconhecido, esse é um tema que não foge aos nossos poetas populares. E o humor também está presente mesmo quando o assunto é mórbido, macabro. Seu modo de encarar a morte está presente em seus versos. Tem até aventuras no Além. (FRANÇA, 2008. p. 283)

Analisando cordéis de alguns poetas populares nordestinos como Leandro Gomes de Barros, José Costa Leite, Janduhi Dantas, José Medeiros de Lacerda, Gilmar Gonçalves, José Pacheco, Apolônio Alves dos Santos, Varnecki Santos do Nascimento, vemos como o imaginário desses poetas populares é rico em superstições e religiosidade, além disso, esses autores fazem relação entre o real e o imaginário quando levam para os cenários do Inferno, Purgatório e do Céu/e ou Paraíso, elementos da vida material como objetos, danças, entre outros.

No decorrer deste trabalho, os textos dos cordéis serão cruzados com textos de teólogos que tratam da visão cristã católica sobre os mesmos espaços imaginários citados acima. Tal cruzamento se faz necessário para que compreendamos a dinâmica da circularidade cultural, na qual ideias e valores tidos como eruditos por terem origem nos mais elevados níveis do pensamento teórico da teologia cristã, se fazem presentes no imaginário popular através de suas representações culturais de uma maneira reinventada em alguns casos ou reproduzida em outros.

Para uma melhor compreensão dos cordéis que iremos analisar, faremos uma divisão entre os espaços imaginários do pós-morte, ou seja, trataremos separadamente do inferno, do purgatório e do paraíso, dispostos em três capítulos.

Contudo, antes de finalizar essa introdução, faz-se importante refletir sobre a temática da escatologia, posto que perpassa todos os espaços do pós-morte. O termo Escatologia tem origem em duas palavras gregas (éschatos = ‘último’ e logos

= ‘estudo’). Por Escatologia entende-se como sendo o “estudo teológico das Coisas Finais” (vida Além-túmulo ou pós-morte, Paraíso, Ressureição, Julgamento, Fim do Mundo, Apocalipse).

No livro “Escatologia cristã” de autoria de João B. Libânio e Maria Clara L. Bingemer (1985) percebemos que a ideia de “vida após a morte” ou de “além” não se separava da visão do próprio mundo, isso antes da “revolução galileo-copernicana” desestruturar a imagem de mundo que sustentava as descrições apocalípticas. Segundo Libânio e Bingemer as descrições do mundo e do pós-morte representadas eram que:

[...] o céu se situa na parte superior com o trono de Javé no seu ápice, tendo abaixo de si os diferentes coros angélicos em sete ordens de dignidade. Os mais dignos – querubins e serafins – ladeiam o trono de Deus. Esse céu sustenta-se apoiado sobre as colunas da terra, como firmamento fixo, firme. As nuvens são os carros de Javé. Do firmamento pendem os astros. O andar intermediário é a terra. Plana, limitada. Palco da vida do homem. Embaixo está o sheol, a mansão dos mortos. Lugar escuro, tenebroso onde não se louva a Deus, leva-se uma semivida. [...] (LIBÂNIO; BINGEMER. 1985 p.24)

Com a evolução das ciências e da filosofia, os homens e mulheres cristãos passam a ter uma ideia diferente de mundo e conseqüentemente do “pós-morte”. As descrições anteriores não davam conta da explicação da “vida”, da “morte” ou do “pós-morte”. Trata-se, portanto de uma desmitificação da visão de mundo e do imaginário do pós-morte.

No entanto, percebemos que tal desmitificação não pode eliminar todo um imaginário pré-estabelecido, ainda que as imagens representativas do “pós-morte” sejam reinventadas, pois muitos elementos presentes no imaginário cristão “pré-científico” permanecem até os dias atuais; a exemplo disso podemos destacar que o Céu/ e ou Paraíso ainda é imaginado como um lugar “acima” de nós, nas “alturas”, enquanto o “Purgatório” e o “Inferno” são lugares imaginados sempre “abaixo”, nas “profundezas”, como se estivessem no interior da terra onde é “quente” e “escuro”.

Ainda segundo os autores João B. Libânio e Maria Clara L. Bingemer, a Escatologia tradicional buscava responder os questionamentos acerca de nossas relações com o “além” de diversas maneiras. Em certos momentos, a ênfase era dada à “consciência de nossa fraqueza, projetando então para o futuro a

compensação última dessa miséria” (LIBÂNIO; BINGEMER. 1985). Em outros momentos, mostrava-se que a vida futura deveria ser assegurada ainda em vida aqui na terra, através de “obras bem definidas” (LIBÂNIO; BINGEMER. 1985).

O posicionamento da Escatologia Tradicional em relação ao pós-morte encontra terreno fértil nas consciências dos cristãos, envolvidos pelo “medo” e pela “culpabilização”. Medo do devir após a morte, ampliado pela “culpa” do pecado diante de Deus. Essa posição da Escatologia tradicional é hoje criticada pelo novo pensamento escatológico da Igreja Católica:

A reflexão teológica sobre a Escatologia tem como tarefa hermenêutica precisamente criticar os esquemas representativos, sem perder o conteúdo da fé. E aparece claro que o esquema pré-moderno, “mitológico”, do cosmos já não serve para interpretar as perguntas escatológicas do homem situado no mundo moderno, pós-galileano. Por isso, buscam-se novos esquemas representativos que correspondam melhor à experiência moderna. (LIBÂNIO; BINGEMER. 1985. P. 26, 27)

Mesmo com os esforços da teologia moderna em desmitificar os esquemas representativos do pós-morte cristão, percebemos que muito da visão mitológica do além permanece cristalizado no imaginário cristão do pós-morte, sobretudo, o do povo nordestino, que facilmente pode ser caracterizado pela sua fé, pela esperança na “pátria futura” onde todos os sofrimentos serão sanados com a recompensa da “mansão celestial”, além disso, o temor de perder tal recompensa e de cair na condenação eterna do “Inferno” ou até mesmo “purgar” suas faltas para que purificados adentrem a morada de Deus passando pelo “Purgatório”, faz com que muitos desses cristãos busquem pagar suas dívidas com o criador ainda em vida, através de jejuns, orações, atos de caridade ou de autopunição. O medo ainda persiste na mentalidade cristã e na popular principalmente.

É a partir desse medo do que há no pós-morte, que as interpretações populares cristãs vão ganhando novos elementos representativos que vão sendo agregados aos antigos. Talvez as representações populares do imaginário do pós-morte, como estamos estudando nos cordéis, sejam uma forma de amenizar este medo, incorporando o humor a este imaginário e em certos momentos aproximando os cenários do pós-morte com elementos da vida cotidiana, na tentativa de tornar familiar àquilo que nos é na verdade uma incógnita.

## CAPÍTULO 1: O INFERNO

Na tradição cristã o espaço imaginário denominado como “Inferno”, trata-se do lugar de condenação no qual todos os pecadores condenados devem agonizar eternamente. Em “Escatologia cristã” João B. Libânio e Maria Clara L. Bingemer (1985) afirmam que a ideia de Inferno está ligada a perda da comunicação e do convívio com Deus, de não ter acesso à Salvação anunciada. Ainda segundo os autores, o Novo Testamento descreve essa situação de “perda”:

Tal situação excludente e mortal é descrita no NT com riquezas de detalhes e adjetivos, como “fogo” (Mt 18,9; Mt 13,50; Mc 9,43.48); “choro e ranger de dentes” (Mt 13,43); “verme que corrói e não morre”, imagens essas que têm como função ressaltar o caráter de perdição, inutilidade, “não-validade” da vida humana quando cortada e separada d’Aquele que é fonte da vida. (LIBÂNIO; BINGEMER. 1985. P. 26, 27)

Em seu livro “O Diabo no imaginário cristão”, Carlos Roberto Figueiredo Nogueira (2002) faz uma descrição de como era imaginado o Inferno pelos homens e mulheres da Idade Média:

O “horror diabólico” domina as consciências cristãs. Nas igrejas, pregam-se as penas infernais. A fantasia dos eclesiásticos deve chocar, provocar terror: lagos de enxofre, diabos armados de chicote, dragões, água e piche ferventes, fogo e gelo, infinitas torturas. Eis o inferno: livre campo à fantasia, livre curso a todas as crenças tradicionais. O Diabo causa terrore, através de sua figura e sua ação no mundo, impõe-se um rígido código moral. As narrações se intensificam, crescem e ganham corpo, na forma de visões apocalípticas. (NOGUEIRA. 2002. p.77)

Tal imaginário perpassa os séculos até chegar aos dias atuais, mesmo que com algumas reinterpretções. Sobre a concepção popular brasileira de Inferno, Libânio e Bingemer (1985) afirmam que a prática religiosa em nossas terras teve como realidade palpável a pregação sobre o Inferno. O processo de evangelização realizado em todas regiões inclusive as mais longínquas, era feito por meio de missões populares que traziam como parte importante dessa pregação a ameaça do Inferno, descrito das mais assustadoras formas. Afirmam ainda que:



Isso levou a que, na concepção do povo, o inferno seja *um lugar*, para onde se vai depois da morte. Lugar que se situa “abaixo”, na região inferior àquela onde acontece a vida. Lugar de castigo eterno, onde se pena e se paga para sempre o mal aqui cometido. A “composição” do castigo do inferno, dentro desta concepção, vai de acordo com o conteúdo tradicional das pregações: fogo, enxofre, trevas, presença de demônios que atormentam e torturam os condenados, sede, gemidos, ranger de dentes. [...] Ainda hoje esta concepção é a que predomina nos meios populares. [...] (LIBÂNIO; BINGEMER. 1985. P. 249)

Constataremos no decorrer da análise dos cordéis que as representações do imaginário popular cristão sobre o inferno não diferem muito da concepção pregada pelos missionários cristãos, representantes da Igreja e portanto, anunciadores do pensamento desta. No entanto iremos perceber que nos cordéis, estes espaços são reinventados, a partir do memento que os poetas populares fazem novas interpretações ou acrescentam novos elementos a este imaginário.

No cordel de autoria de Janduhi Dantas<sup>1</sup>, intitulado de “História do mau chefe que prestou contas ao Cão”, podemos observar como esse representante da literatura popular imagina o lugar de condenação da alma após a morte. Neste cordel, Janduhi Dantas conta como foi a chegada do mau patrão ao Inferno e como o diabo tratou o recém-chegado:

Zé Bocão quando chegou  
do outro lado da vida  
viu-se numa sala escura  
com a vista enfraquecida  
quis sair daquele canto  
mas não viu uma saída.

De repente a sala escura  
se tornou bem clareada  
era o fogo que ardia  
em uma fogueira armada  
e em seguida se ouviu  
uma voz grossa, arrastada:  
(DANTAS. 2005. p. 2-3)

O segundo verso da estrofe acima traz a ideia de pós-morte como continuação da vida e a morte como uma passagem. É possível percebermos também a utilização de elementos do mundo material como uma “sala escura”, ou seja, um lugar com paredes, um local fechado sem “saída”. Mais adiante, o “mau chefe” (Zé

<sup>1</sup> Janduhi Dantas Nóbrega é natural de Patos, importante cidade do sertão paraibano, em data não informada. É agente cultural, autor de teatro popular, poeta cordelista e declamador. Segundo informações teria o poeta participado ativamente dos movimentos sociais e populares registrados em Patos nos anos 80 e 90. Professor de Português foi monitor de redação do Curso e Colégio Objetivo de Brasília (DF). Leciona, atualmente, em colégios e cursinhos pré-vestibulares em Patos, Princesa Isabel, Pombal e Sousa. Disponível em: [http://www.netsaber.com.br/biografias/ver\\_biografia\\_c\\_4762.html](http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_4762.html). Acessado em: 01/2011

Bocão) pergunta como foi parar no Inferno sem ter passado antes pelo Purgatório, a resposta está nas estrofes a seguir:

O Cão deu uma gaitada  
e a Zé Bocão disse assim:  
“Quando o cabra é ficha fraca  
metido a besta e ruim  
nem precisa julgamento –  
o inferno é o seu fim!”

Gente má, da sua estirpe  
cabra ruim, filho da peste  
desumano e desalmado  
patife, vil, cafajeste  
no vestibular do inferno  
passa sem fazer teste!”  
(DANTAS. 2005. p. 4)

Neste cordel, o autor imagina que a pessoa que, sendo um chefe e maltrata seus funcionários, já estaria “condenada” ao Inferno, sem ter nem mesmo chance de defesa. O cordel em questão é uma crítica aos patrões que agem como “Zé Bocão”, é como se o poeta tomasse para si as “dores” daqueles funcionários que costumam ser maltratados pelos patrões (ou chefes), seria assim uma espécie de vingança contra o “chefe mau”. Ao final do cordel, Janduhi mostra como imagina que seria o castigo aplicado ao “chefe mau” no Inferno:

Zé Bocão disse: “Tá bem!  
fui de fato um sem-valor  
reconheço que em vida  
fui ruim, mau, opressor...  
Acho que mereço ser  
o seu primeiro-assessor”.

Satanás disse: “Bocão  
pode pendurar teu terno  
tu nunca mais serás chefe  
porque aqui eu governo!...  
És de a gora para sempre  
Faxineiro no inferno!”  
(DANTAS. 2005. p. 8)

Podemos perceber que, em alguns casos, como no cordel “Historia do chefe mal que prestou contas ao Cão”, o diabo é imaginado como um justiceiro, pois é ele que irá castigar os “maus”.

Outro cordel que trata da temática Inferno tem como título: “A chegada de Lampião no inferno”. Esse folheto é de autoria de José Pacheco<sup>2</sup>. O cordelista trata nesse folheto da chegada do cangaceiro Lampião ao local imaginário tido como o lugar do castigo eterno para os pecadores condenados, ou seja, o Inferno. Tal história teria sido contada por um “cabra” de Lampião chamado “Pilão deitado”, que teria morrido e andava “fazendo mal-assombrado”, palavra utilizada pelo poeta para

<sup>2</sup> Sobre o lugar de nascimento de José Pacheco existem controvérsias. Alguns pesquisadores afirmam que ele nasceu em Porto Calvo, Alagoas, mas as informações não são concretas. O poeta teria nascido em 1890, e falecido em Maceió na década de 50, segundo informações, provavelmente dia 27 de abril de 1954. Como vemos, José Pacheco foi contemporâneo de Leandro Gomes de Barros. Disponível em: [http://www.ablc.com.br/historia/hist\\_cordelistas.htm](http://www.ablc.com.br/historia/hist_cordelistas.htm). Acessado em: 01/2011

significar as aparições fantasmagóricas do tal “cabra”, como atestam as estrofes abaixo:

Uma cabra de Lampião Por nome Pilão Deitado Que morreu numa trincheira Em certo tempo passado Agora pelo sertão Anda correndo visão Fazendo mal-assombrado	E foi quem trouxe a notícia Que viu lampião chegar O inferno neste dia Faltou pouco pra virar Incendiou-se o mercado Morreu tanto cão queimado Que faz pena até contar (Pacheco, p. 1)
---	---

Vale ainda destacar que o poeta usa o termo “Morreu tanto cão queimado” em um imaginário do pós-morte, já que o local imaginário em questão é um lugar onde habitam almas de pecadores, como podem morrer os que não vivem? E ainda por cima queimados, já que o Inferno é também conhecido na tradição do imaginário cristão como o “fogo eterno”.

Pilão Deitado, em suas aparições pelo sertão contou que Lampião ao chegar à entrada do inferno teria se deparado com um vigia que não queria deixá-lo passar, depois de muita discussão o vigia foi perguntar a Satanás se o recém-chegado teria ou não permissão de entrar, a resposta foi negativa. A confusão foi geral, um bando de demônios partiu para enfrentar Lampião que se defendeu e atacou, no final Lampião foi embora não se sabe para onde, mas teria saído ileso enquanto os tais demônios teriam apanhado bastante. Vejamos nas estrofes a seguir como foi descrita pelo poeta a chegada da personagem “Lampião” no “inferno” e com foi sua recepção:

Vamos tratar da chegada Quando Lampião bateu Um moleque ainda moço No portão apareceu - Quem é você cavalheiro - Moleque eu sou cangaceiro Lampião lhe respondeu.	- Moleque não! sou vigia E não sou seu pariceiro E você aqui não entra Sem dizer quem é primeiro - Moleque abra o portão Saiba que sou Lampião Assombro do mundo inteiro (Pacheco, p. 2)
--	---

José Pacheco deixa transparecer nesse cordel o preconceito racial contra os negros muito comum na época em que viveu o autor (entre a última década do século XIX até meados do século XX). Tal preconceito se faz presente em todo o enredo do folheto, em especial, nas personagens do inferno que o poeta descreve sempre como negros. Desta forma seria o inferno povoado de pessoas negras,

sendo os próprios demônios ou diabos também todos negros, como podemos observar nas estrofes a seguir:

Disse o vigia: - patrão  
A coisa vai arruinar  
Eu sei que ele se dana  
Quando não puder entrar  
Satanás disse: isso é nada  
Convide ai a negrada  
E leve os que precisar.

E reuniu-se a negrada  
Primeiro chegou fuxico  
Com um bacamarte velho  
Gritando por cão de bico  
Que trouxesse o pau da  
prensa  
E fosse chamar Trangença  
Na casa de Maçarico.  
(Pacheco, p.4)

Leve cem dúzias de negros  
Entre homem e mulher  
Vá na loja de ferragem  
Tire as armas que quiser  
É bom escrever também  
Pra virem negros que tem  
Meu compadre Lucifer.  
(Pacheco, p.4)

Podemos também observar na estrofe acima, dois versos que chamam a atenção, pois mostram a facilidade com que uma pessoa comprava uma arma na época em que o folheto foi escrito, quando o poeta escreve os versos “Vá na loja de ferragem” e “Tire as armas que quiser”, provavelmente era dessa maneira que uma pessoa de sua época conseguia comprar uma arma, ou seja, armas eram vendidas em “loja de ferragem”.

Também neste folheto, o poeta representa elementos da “vida material” em um espaço que deveria ser espiritual, palavras como: “padaria”, “loja de ferragem”, “pá de mexer doce”, “cerca”, “terraço”, entre outras palavras, que são usadas no cotidiano dos vivos. A valentia da personagem “Lampião” tido como “herói do sertão nordestino” também é destacada neste folheto de cordel, podemos dizer que o poeta José Pacheco demonstra certa simpatia pela figura do cangaceiro como atestam as estrofes a seguir:

Estava a luta travada  
Já mais de hora fazia  
A poeira cobria tudo  
Negro embolava e gemia  
Porém Lampião ferido  
Ainda não tinha sido  
Devido a sua energia.  
(Pacheco, p.7)

Satanás com esse incêndio  
Tocou um búzio chamando  
Correram todos os negros  
Os que estavam brigando  
Lampião pegou olhar  
Não viu mais com quem brigar  
Também foi se retirando  
(Pacheco, p.7)

Leitores vou terminar  
 Tratando de Lampião  
 Muito embora que não posso  
 Vos dar a resolução  
 No inferno não ficou  
 No céu também não chegou  
 Por certo está no sertão.  
 (Pacheco, p.8)

Outro cordel também de autoria de Janduhi Dantas, que tem como temática o pós-morte, tem como título: “A alma do senador que caiu na lábia do Cão”. Nesse folheto de cordel Janduhi Dantas conta que fazendo ele uma “incursão” pela internet teria ficado sabendo que depois de morrer, as pessoas escolheriam onde ficar. Se com “Deus ou com o Cão”. A trama da narrativa demonstra como a alma de um senador havia chegado ao Céu e lá ficara sabendo que deveria ele passar um dia no Inferno e outro no Céu para que escolhesse onde queria ficar, tendo a alma do senador visto mais vantagens no Inferno do que no Céu, optou por ficar no primeiro, mas descobriu que foi enganado por Satanás.

Nesse cordel Janduhi faz uma crítica aos políticos que não cumprem suas promessas, desta forma, a alma do senador estaria provando do seu próprio “veneno” ao ser ele iludido por Satanás, vejamos as estrofes que confirmam esse pensamento:

Respondendo, o Cão lhe disse:  
 “Estás bem nervoso eu noto  
 mas sobre o que vês agora  
 os pingos nos is eu boto:  
 sou o rei da artimanha –  
 ontem eu tava em campanha  
 hoje eu já tenho o teu voto!”...

Mesmo assim age quem faz  
 da política profissão:  
 dá dinheiro, gasolina  
 cimento pra construção  
 paga contas atrasadas  
 enfrenta quaisquer paradas  
 pra ganhar a eleição!...

Pra ter o poder comete  
 todo e qualquer gesto errôneo  
 e ilude o cidadão  
 da cidade ou o campônio...  
 Esta gente má assim  
 merece ser mesmo ao fim  
 churrasquinho do demônio!

E pra findar a história  
 O senador arrasado  
 Provou do próprio veneno  
 Com que viveu no passado:  
 Quem tanto em vida enganou  
 Depois da morte acabou  
 Pelo Cão sendo enganado!  
 (DANTAS. p.11)

Não só impregnado de elementos cotidianos, esse cordel expressa o pensamento de milhões de populares a respeito da política brasileira, sobretudo a

nordestina, onde ocorrem com maior frequência o que o poeta denuncia, ou seja, políticos que em todas as campanhas oferecem vantagens, às vezes, muito pequenas aos eleitores desinformados que caem na lábia desses políticos desonestos, e mais tarde descobrem que a coisa era diferente.

Sobre o imaginário a cerca do Satanás percebemos neste cordel uma diferença com relação a outros cordéis. A entidade diabólica não é representada como na maioria dos cordéis estudados neste trabalho, o Satanás não é mais “preto”, “feio”, “fedendo a enxofre”. Vejamos como foi representado o Satanás no cordel em questão:

Chegando a alma ao inferno  
 lhe atender veio um rapaz  
 galegão, de olhos azuis  
 com mil gestos cordiais:  
 nas costas deu-lhe um tapinha  
 disse: “É sua a casa minha”  
 Prazerzão! Sou Satanás!”

De queixo caído, a alma  
 Do senador disse ao Cão:  
 “Eu pensei que o senhor fosse  
 Preto da cor de carvão!”  
 – “Nem sou preto nem café!  
 (disse o Demo) Isso é  
 Intriga da oposição!”  
 (DANTAS. p.4)

Nos cordéis, o imaginário sobre o Inferno não se limita apenas ao pós-morte, pois em algumas narrativas os vivos são levados até o Inferno e depois retornam para contar o que viram lá. Seria assim uma forma de justificar o imaginário, dizer que é “real”, pois alguém já teria visto tudo aquilo que é narrado.

Em alguns cordéis de autoria de José Costa Leite<sup>3</sup>, podemos observar a temática do inferno ou do diabo. Em “O sanfoneiro que foi tocar no inferno”, constatamos um exemplo do imaginário popular a cerca da ida e retorno de uma pessoa viva ao Além. Este cordel narra a história de um sanfoneiro que tratava mal a mãe e batia nas irmãs, e que em certo dia teria visitado o Inferno. Possível também identificarmos a ideia que se formou no imaginário popular sobre a escuridão, a cor preta ou ainda, sobre os negros, que foram associados ao mal ou aos demônios, isso desde a idade média na Europa, chegando ao Brasil através dos portugueses.

---

<sup>3</sup> Nascido no dia 27 de julho de 1927, José Costa Leite é filho natural da cidade de Sapé, Paraíba. Segundo informações o poeta teria começado a escrever seus folhetos de cordel desde os 20 anos de idade, é autor de centenas de títulos. É também um talentoso xilógrafo, com técnica muito pessoal e apurada. Disponível em: [http://www.ablc.com.br/historia/hist\\_cordelistas.htm](http://www.ablc.com.br/historia/hist_cordelistas.htm). Acessado em: 01/2011

Como podemos perceber pelo cordel, essa ideia permanece em alguns casos no imaginário popular:

Deixou na mesa o almoço  
Saiu n/sem dar atenção  
Com meia hora depois  
Ele avistou um negrão  
Escanchado n'um cavalo  
Preto, da cor de carvão

Ele avistando o negro  
De nada desconfiou  
O negro disse: Rapaz  
Agora mesmo eu vou  
Procurar um sanfoneiro  
Que o povo, em casa, mandou.

O rapaz disse ao negro  
- Saí sem ser convidado  
Vou tocar em qualquer parte  
É bastante ser chamado  
O negro sorriu e disse:  
- Vai dar certo pra danado  
(LEITE. p. 2-3)

Como podemos perceber, a figura do negro é usada como representação de um demônio que teria vindo buscar o sanfoneiro para tocar no inferno. Além disso, outro elemento do imaginário popular a cerca do inferno ou do diabo é utilizado, o cheiro de “enxofre”, que se imagina ser sinal da presença do demônio ou de que seria um odor comum no Inferno, como podemos atestar pela estrofe a seguir:

E quando Sebastião  
Já se achava montado  
Na garupa do cavalo  
Sentiu um cheiro danado  
Do enxofre e creolina  
Que ficou desconfiado  
(LEITE. p. 3)

Outros elementos da vida cotidiana são incorporados aos espaços imaginários do Inferno, nas estrofes abaixo, veremos que a personagem do sanfoneiro, chegou a um lugar onde havia uma edificação:

Era um palácio escuro  
E o rapaz foi mandado  
A um grande salão de dança  
Aonde era esperado  
Para tocar na sanfona  
Um frevo quente queimado.

Tinha mais de mil pessoas  
Dançando ali no salão  
Mas o salão era escuro  
Sem ter iluminação  
Só se ouvia a zoada  
Dos sapatos pelo chão.  
(LEITE. p. 4)

O cordel é também uma forma que os poetas populares utilizam para expressar suas ideias e valores morais, dizer o que eles aprovam ou desaprovam no cotidiano do meio sociocultural em que vivem. O homem nordestino, principalmente as pessoas do povo, receberam pela educação familiar, valores que muitas vezes

fazem com que esses homens menosprezem as mulheres, ou seja, de certa maneira os cordéis revelam uma cultura popular machista, como podemos perceber nas estrofes a seguir:

O rapaz viu no inferno  
Moça quente e sacodida  
Que usa saia ligada  
E mulher casada enxerida  
Que atraiçoa o marido  
E se faz de oferecida

Mulher feia e ciumenta  
Que aperreia o marido  
Nas unhas de satanás  
Bebe chumbo derretido  
E Dança mais um rela-bucho  
Bem queimado e remexido

Mocinha namoradeira  
Jogador e cachaceiro  
Mulher falsa e criminoso  
Anarquista e desordeiro  
Xifrudo e viúva quente  
Sedutor e feiticeiro

Mulher que engana o marido  
Chegando lá, Lúcifer  
Monta no seu espinhaço  
E vai nela pra onde quer  
Porém, já não é pecado  
Marido enganar mulher  
(LEITE. p. 6 - 7)

No cordel “Satanás na Gafieira”, o poeta paraibano José Costa Leite também faz crítica aos bailes de “forró” ou “pagode”, utilizando-se do verso “Satanás na Gafieira” no final de todas as estrofes deste cordel. O poeta critica as moças que segundo ele dançam coladas nos homens, beijam, usam roupa curta ou apertada, ou seja, é um cordel moralista, que trata tais ações como sendo algo do Inferno, coisas que agradam satanás. Vejamos algumas estrofes que confirma isso:

Moça dentro do pagode  
Com o gostosão se gruda  
Não tem santo que acuda  
Se remexe e se sacode  
Salta mais do que um bode  
E chumbrega a noite inteira  
Dá beijo por brincadeira  
Para o rapaz que quiser  
Dança do jeito que quer  
Satanás na Gafieira

O Satanás hoje em dia  
Está querido demais  
Moça não houve aos pais  
E cai na patifaria  
No chamego da orgia  
Chifrudo e mulher galheira  
Mocinha namoradeira  
Prosa, cochicha e namora  
Abraçando toda hora  
Satanás na Gafieira

Satanás vive dançando  
No cabaré do inferno  
Que é bonito e moderno  
Vê-se o zabumba soando  
E a turma balançando  
O esqueleto na zonzeira  
De segunda a sexta-feira  
Sem ter medo sem ter manha  
A turma toda acompanha  
Satanás na Gafieira

Satanás vive contente  
Vendo moça sem ter freio  
Mostrando a bunda e o seio  
E a sai justa na frente  
O tamanho do Vicente  
Olhar não há quem não queira  
Mulher casada galheira  
Vive solta na folia  
Abraçando todo dia  
Satanás na Gafieira.  
(LEITE. p. 1 - 2)



Ao final do cordel “O sanfoneiro que foi tocar no inferno”, José Costa Leite faz em duas estrofes uma associação entre o pós-morte no inferno e as coisas que existem na vida material, elementos que vemos e utilizamos no dia-a-dia, o pós-morte seria desta forma uma extensão da vida. Ao voltar para casa, o sanfoneiro relata o que havia passado com ele:

Ele disse que o inferno  
É um lugar “calorento”  
Lampião é o prefeito  
Fez praça e fez calçamento  
Botou água e energia  
Está sendo cem por cento.

Em cada casa Lampião  
Vai fazer uma “puxada”  
Pra botar moça enxerida  
Da sobancelha raspada  
Mulher falsa, traiçoeira  
E viúva chumbregada.  
(LEITE. p. 8)

Como podemos perceber, a narrativa feita nas estrofes acima traz elementos comuns à vida material como: “casa”, “praça”, “calçamento”, “água”, “energia”. José Costa Leite ainda utiliza um personagem regional muito famoso e bastante presente em cordéis, o cangaceiro Lampião, e que no cordel em questão o poeta transformo em “prefeito” do inferno.

O folheto de cordel: “O matuto que vendeu a alma ao Satanaz”, também de autoria de José Costa Leite, conta a história de um matuto que cansado de “trabalhar tanto” e continuar pobre, resolve fazer um trato com o Satanás para ficar rico. Trato feito, a matuto ficou milionário, mas em troca ficou devendo sua alma que seria cobrada após sessenta anos, no entanto quando “Futrica” (um diabo encarregado de buscar a alma do matuto) chegou para buscá-lo foi enganado pela velha esposa do matuto e voltou de mãos vazias para o Inferno.

Este cordel não trata diretamente do pós-morte mas faz referência ao Inferno e a entidades que habitam o lugar, ou seja, fala de elementos presentes no imaginário cristão do pós-morte. A religiosidade do nordestino também é evidenciada neste cordel, como podemos ver nas estrofes a seguir:

Houve ali um bate-boca  
O diabo estava arisco  
A velha mostrou a ele  
Um cordão de São Francisco  
Futrica deu um pinote  
Ligeiro que só corisco

A velha fez uma cruz  
E enfiou no terreiro  
O diabo sem olhar pra trás  
Embocou no marmeleiro  
Não quis saber de serviço  
De alma nem de dinheiro  
(LEITE. p.14)

Tendo como herói o personagem Lampião, o cordelista Apolônio Alves dos Santos<sup>4</sup> produziu um folheto de cordel com o título de “Lampião vai ao inferno buscar Maria Bonita”. Apolônio inicia suas rimas contando como foram mortos Lampião e Maria Bonita, como mostram as estrofes abaixo:

No ano de 38  
Lampião foi emboscado  
No lugar Fazenda Angico  
Foi morto e decapitado  
Por uma força volante  
No ataque fulminante  
Acabou-se o seu reinado

Morreu Maria Bonita  
junta ao Rei do Cangaço  
as duas almas subiram  
voando para o espaço  
num ciclone inesperado  
Lampião subiu pegado  
Com Maria pelo braço  
(SANTOS. p.1)

Continuando a história, Lampião e Maria Bonita teriam ido morar no purgatório, e o diabo teria se interessado pela mulher de Lampião, a qual mandou dois diabos buscá-la, só não contava ele que Lampião quando descobrisse iria atrás dela. Quando Lampião chegou ao Inferno foi uma confusão, brigou com todos e fez o diabo implorar para ele parar, depois tirou Maria Bonita da prisão, deixando trancado em seu lugar o diabo. Vejamos as última estrofes deste folheto:

Lampião disse ao diabo:  
por sua intenção maldita  
você é quem vai ficar  
nesta prisão esquesita  
para saber respeitar  
e não querer conquistar  
minha Maria Bonita.

Ali o diabo ficou  
amarrado no porão  
Lampião disse a Maria  
veja que situação  
esta nossa sem pousada  
sem moradia, sem nada  
sumiram na amplidão.  
(SANTOS. p.8)

Em outro folheto de cordel com o título de “Os mistérios da Macumba” Apolônio Alves dos Santos expressa o imaginário cristão popular sobre a macumba, ligando-a

---

<sup>4</sup> Nasceu em Guarabira – PB, (data não informada). Apolônio Alves dos Santos mudou-se para o Rio de Janeiro no ano de 1950. Lá trabalhou como pedreiro, até viver da sua poesia. Seu primeiro folheto foi "MARIA CARA DE PAU E O PRÍNCIPE GREGORIANO", publicado ainda em Guarabira. Faleceu em 1998, na cidade de Campina Grande, no estado da Paraíba, deixando aproximadamente 120 folhetos de cordel publicados. Disponível em: [http://www.ablc.com.br/historia/hist\\_cordelistas.htm](http://www.ablc.com.br/historia/hist_cordelistas.htm) Acessado em: 01/2011

ao diabo. Não trata diretamente do pós-morte ou do Inferno, mas faz referência ao diabo, personagem principal do imaginário a cerca do Inferno, além de mostrar elementos da religiosidade cristã nordestina, como podemos perceber nas estrofes a seguir:

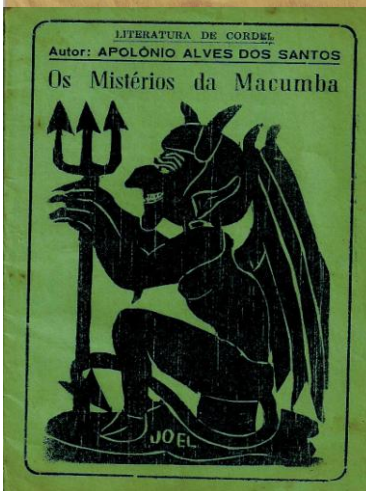
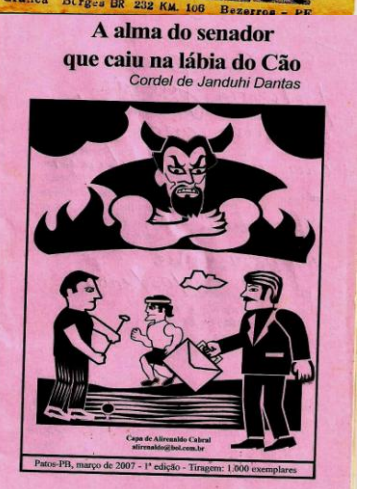
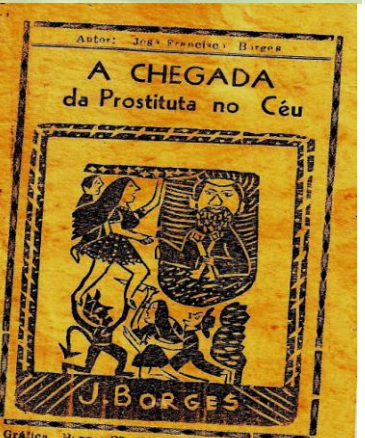
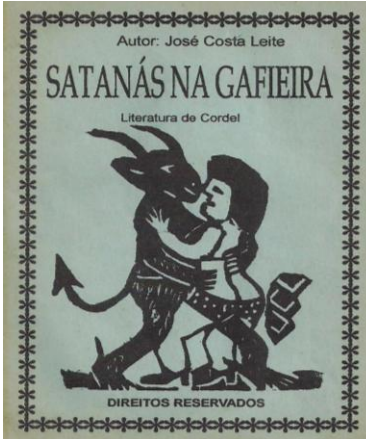
É relativo a macumba  
que aqui vou descrever  
mostrando o mistério dela  
a pessoa que não crer  
provando que no diabo  
também existe poder

Muito embora que o poder  
dele, seja inferior  
ao poder sacro-santo  
de deus nosso criador  
e só atinge a pessoa  
que não crer no Salvador.  
(SANTOS. p.8)

O imaginário popular em cordéis sobre o pós-morte cristão, quando utiliza como tema o Inferno, traz à tona as imagens do demônio que foram criadas ao longo da história do cristianismo. Sobre as representações iconográficas do Diabo, Carlos Roberto Figueiredo Nogueira escreve que:

Pinturas representando o Diabo não são comuns até o século XII, quando então as representações do Juízo Final e do inferno povoaram a imaginação dos fieis e as paredes das igrejas. Inicialmente, ele é representado como uma figura com certa dignidade, como cabia à sua condição de anjo caído. Mas, logo após, devido aos esforços pedagógicos dos representantes da fé, passa a aparecer com uma frequência cada vez maior como um monstro repugnante, cuja deformidade evidencia a sua corrupção espiritual. [...] Demônios com anatomias animais ou semi-humanas ou deformadas: cobertos de pelos ou escamas, com cabeças demasiadamente grades ou demasiadamente pequenas em relação ao corpo, dotados de olhos saltados e bocas rasgadas e cavernosas, chifres, rabos a asas, garras e cascos, cabeças de pássaros ou bicos, com inúmeras faces, braços, pernas e outros apêndices, enfim quantas outras monstruosidades a imaginação pudesse criar. [...] (NOGUEIRA. 2002. p. 62, 63, 64)

Desta forma, o demônio é retratado nas xilogravuras e nas narrativas como um ser “negro”, com “chifres” e “rabo”, ou seja, o demônio não teria desta maneira, no imaginário popular do cordel uma forma humana, seria uma figura animalesca, da mesma forma tradicional, como podemos observar nas xilogravuras abaixo:



## CAPÍTULO 2: O PURGATÓRIO

O Purgatório no imaginário popular seria um lugar em que as almas pecadoras arrependidas de suas faltas e que não cometeram nenhum pecado capital possam pagar por seus erros e depois ir para o céu purificadas.

No livro “A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX”, João José Reis afirma que o “*destino das almas esteve por muito tempo circunscrito ao Céu é ou ao Inferno.*” (REIS, 1991.p. 203). Não existia, portanto a ideia de Purgatório até o século XIII, como o próprio Reis afirma:

[...] O Purgatório surgiu no século XIII como uma terceira região na geografia celeste, um “inferno temporário”, segundo Le Goff, “uma ante-sala quase necessária do Paraíso, conforme Lebrun. Para lá seguia a maioria das almas salvas do Inferno, mas não suficientemente puras para entrar de imediato na glória do Paraíso. [...] (REIS, 1991. P. 203)

Em “Escatologia cristã”, João B. Libânio e Maria Clara L. Bingemer afirmam que segundo a concepção tradicional contida no Antigo Testamento, todos os homens e mulheres que morriam tinham um destino em comum, o “sheol”, que significava a “mansão dos mortos”:

[...] o destino comum de todos os que morriam era o sheol, ou mansão dos mortos, imaginado como cova sob as bases das montanhas, onde reinava a treva, o silêncio, o pó, o esquecimento e a languidez. [...] Para este lugar iam todos os mortos, e aí viviam outra forma de existência, da qual não havia retorno à terra dos vivos [...] nem inclusão da idéia de recompensa ou retribuição. (LIBÂNIO; BINGEMER. 1985 p.254)

Ainda segundo Libânio e Bingemer, a ideia de sheol teria evoluído ainda no Antigo Testamento devido a “*necessidade da ressurreição do corpo*” que se encontrava “*unido à alma*”, desta maneira, o sheol passa a ser considerado não mais morada definitiva, mas sim [...] “morada intermediária, de justos e ímpios, onde os primeiros, passando por processo de purificação, aguardariam a ressurreição [...] (LIBÂNIO; BINGEMER. 1985).

Como vemos, já no Antigo Testamento surge a ideia de “purgação” dos pecados, de “purificação” das almas dos “justos”, que já estariam manchadas desde



a concepção por causa do “pecado original”. Mais tarde, a Igreja cristã utiliza-se dessa concepção para pregar a ideia de Purgatório, que vai se cristalizar no imaginário coletivo cristão, sobretudo no meio popular.

No livro “Mysterium Salutis” editado por Johannes Feiner e Magnus Loehrer (1984), o Purgatório é analisado como sendo a vida na morte. Um intervalo de tempo entre a morte individual de cada pessoa e o julgamento final:

A doutrina do purgatório pressupõe em todos os casos que o homem viva na morte e que entre a morte individual e a consumação escatológica de todas as coisas se dê um <<intervalo>>, ao qual não se pode negar uma certa configuração temporal, se é possível acompanhá-lo com um devir processual que ocorria na vida dos defuntos, uma mudança qualitativa e também uma referência permanente dos <<mortos>> ao mundo espaço-temporal. [...] (FEINER e LOEHRER. 1984. P.225)

Este estudo teológico de Feiner e Loehrer (1984), não vem confirmar a existência do Purgatório, mas sim de uma doutrina cristã que admite um espaço temporal de purificação entre a morte e as coisas últimas. Essa doutrina é criticada pelos teólogos em questão como sendo enganadora. É o que confirma o trecho abaixo citado:

Os termos <<purgatório>> e <<lugar de purificação>> são infelizes e enganadores. Com a doutrina de um processo purificatório se quer dizer é que os <<mortos>> constituem parte *deste* mundo e se aperfeiçoam progressivamente (sem nenhuma implicação de cunho cronológico). (FEINER e LOEHRER. 1984. P.225)

Nos cordéis, o Purgatório não se constitui em um tema específico, mas é mencionado em muitos cordéis que falam do céu ou do inferno, ou ainda quando o tema é o Além, como é o caso de um cordel de Leandro Gomes de Barros<sup>5</sup> que tem como título “Encontro de Jovino dos coelhos com Bentinho no outro mundo”. Enfrentamentos entre valentes após a morte também são comuns nos cordéis:

---

<sup>5</sup> Natural da cidade de Pombal no estado da Paraíba, Leandro Gomes de Barros é considerado o pioneiro na publicação de folhetos de cordel. Devido ao seu pioneirismo e suas numerosas obras, hoje lhe é conferido o “título de poeta maior da Literatura de Cordel”. Nasceu em 19 de novembro de 1865, faleceu no Recife-PE, em 04 de março de 1918, deixando cerca de mil folhetos escritos, embora não haja registros oficiais que confirmem tal façanha. Disponível em: [http://www.ablc.com.br/historia/hist\\_cordelistas.htm](http://www.ablc.com.br/historia/hist_cordelistas.htm). Acessado em: 01/2011

Jovino quando morreu  
Foi ao céu e São Pedro disse;  
“Do Mundo já me pediram  
Que a porta não lhe abrisse,  
No purgatório também  
Nem que minha mãe pedisse”.

“Pode procurar seu rancho,  
Está ai o caminho.”  
Jovino ficou maçado,  
Saiu falando sozinho.  
Se sua alma não for dura,  
Foi bater no purgatório  
Lá encontrou com bentinho.

Bentinho ao ver Jovino  
Foi lhe dizendo: “canalha,  
Prepare sua pistola,  
Hoje um de nós se retalha  
Você no mundo dos vivos  
Deu-me um golpe de navalha

E partiu para Jovino  
Passou-lhe a mão na abertura  
E disse: - Meu camarada  
Hoje tenho que devorá-la  
Que só sopa de verdura.  
(BARROS. 2002. p. 210)

Em cordel já citado neste trabalho “Uma viagem ao céu”, também de autoria de Leandro Gomes de Barros, o Purgatório é mencionado apenas de passagem em três estrofes:

Passando no purgatório  
Tinha um pedreiro caindo  
Mais adiante no inferno  
Tinha um diabo cantando  
E a alma de um ateu  
Preso num tronco apanhado

Eu desci do céu alegre  
Comigo não foi ninguém  
Passei pelo purgatório  
Ouvi um barulho muito além  
Era a velha minha sogra  
Que dizia: eu vou também

Ai a velha voltou  
Rogando praga e uivando  
Quando entrou no purgatório  
Foi se mordendo e babando  
Dizendo tudo de mim  
Lançando fogo e falando  
(BARROS. 2002. p. 100 -

O lugar imaginário do Purgatório é pouco mencionado nesse cordel, mas conforme a primeira estrofe acima citada, no imaginário popular, seria o Purgatório o primeiro estágio para as almas que poderiam ir para o céu após pagarem lá as suas respectivas penas.

No folheto de cordel “Lampião vai ao inferno buscar Maria Bonita” de autoria de Apolônio Aves dos Santos, folheto já citado anteriormente neste estudo, no capítulo anterior “O Inferno”, existem nele duas estrofes que fazem referência ao Purgatório:

Diz a lenda que os cristãos  
quando aqui termina a vida  
vão viver em outra esfera  
numa área permitida  
até purgaram os pecados  
pra irem purificados  
para a mansão concebida.

Pois assim ficou ali  
Vivendo aquele casal  
Se amando com fervor  
Na vida espiritual  
Felizem se divertiam  
Igual a quando viviam  
Na vida material.  
(SANTOS. P.2)

Outra citação do Purgatório pode ser encontrada no cordel “Festa no Paraíso”, produzido por Gilmar Gonçalves<sup>6</sup>:

Desci de mundo abaixo  
Agarrado num oratório  
Parei num lugar triste  
Parecia um sanatório  
Bin Laden com coqueluche:  
Por favor, não diz a Bush  
Que tou no purgatório.  
(GONÇALVES. p. 11)

O imaginário popular cristão relacionado ao Purgatório constituiu-se através de uma doutrina de “terror” empregada pela Igreja desde a Idade Média, segundo Libânio e Bingemer (1985): [...] “O medo do inferno, o horror das penas do purgatório sustentaram, como um dos pilares básicos, o edifício imaginário social de uma Igreja, único lugar de salvação.”[...] Contudo tal imaginário não ficou imune às interpretações populares que o reinventam a partir de suas próprias experiências e valores, pois “o imaginário não se alimenta fundamentalmente de reflexões abstratas, nem de conceitos teóricos atilados, mas, como o próprio termo o diz, de imagens, de elementos figurativos.” (LIBÂNIO; BINGEMER. 1985).

Acrescenta-se a essa estratégia pastoral um instinto profundo no homem de curiosidade em relação às realidades do além. Está aberta uma porta por onde pode entrar toda uma imaginária fantasiosa, descrevendo essas realidades derradeiras. A oratória sacra, a piedade e devoção populares, criações artísticas derramam-se nesse campo fértil, impregnando fortemente o imaginário coletivo religioso [...]. (LIBÂNIO; BINGEMER. 1985. p. 22)

---

<sup>6</sup> Neste trabalho utilizamos do cordel “Festa no Paraíso” de autoria de Gilmar Gonçalves, no entanto, as tentativas para obtermos informações sobre o autor não lograram êxito. Sabendo-se apenas que o poeta é natural de Serra Branca, PB.



### CAPÍTULO 3: O CÉU E/OU PARAÍSO

A tradição cristã sempre identificou o Céu como o “ponto máximo da aspiração humana” (LIBÂNIO; BINGEMER. 1985). O Céu seria desta forma a esperança de recompensa e glória que só é atingida através da observância das leis divinas. João B. Libânio e Maria Clara L. Bingemer escrevem como essa compreensão de Céu é vista nas tradições religiosas populares e como essa concepção está intimamente relacionada ao mito:

[...] Em nosso continente, sobretudo, as imensas maiorias pobres e marginalizadas, deserdadas do progresso e das mais recentes conquistas da cultura secularizada, continuam recorrendo ao mito para expressar com densidade suas experiências e esperanças. Continuam recorrendo à cosmovisão e ao vocabulário mitológicos para exprimir verdades inacessíveis ao conceito e à pura razão. [...] o céu, portanto, para o povo simples, é concebido como um lugar. Lugar de encontro e de festa, de partilha, fartura e comunhão. Sendo a experiência da família uma das mais fortes e caras na vida do povo, o céu é visto e esperado como a grande reunião familiar, onde haverá alegria e comunhão completas, onde se acabará a carência, a miséria, a dificuldade. E onde todos serão convidados a entrar. [...] (LIBÂNIO; BINGEMER. 1985).

Ao longo das análises dos cordéis que tratam da temática do Céu, veremos como essa concepção tradicional se faz presente no imaginário popular do pós-morte, mas veremos também os acréscimos e/ou modificações de elementos culturais populares neste espaço imaginário.

Tendo como temática o pós-morte, o “Céu” e/ou “Paraíso” como também é chamado, representando no imaginário popular cristão a recompensa para aqueles que em vida praticaram boas ações e foram tementes a Deus. O cordel de Janduhi Dantas que tem como título “O homem mais importante aos olhos de Deus”, expressa o pensamento popular sobre quem deve ir para o Céu. Neste cordel, Janduhi Dantas narra a história de Zé João, um gari que teria tido um sonho em que um anjo o avisara de que em três dias, o homem mais importante da cidade iria para o Céu, como era modesto, não achou que se tratava dele, mas sim de alguma pessoa rica e influente na cidade, passou ele então a avisar a todos quem ele pensava ser importante (prefeito, delegado, comerciantes, entre outros). Todos que se achavam importantes na cidade do Zé João ficaram temerosos, mas por fim, a pessoa levada foi o próprio gari, que aos olhos de Deus era o mais importante

cidadão daquela cidade. A personagem de Zé João foi retratada pelo poeta da seguinte maneira:

Zé João era um gari  
que a cidade o conhecia  
muito mal sabia ler  
mais doutor em cortesia:  
ao chegar ao seu trabalho  
não faltava com um “bom dia”.

Homem pobre, muito honesto  
trabalhava sem preguiça  
no domingo de manhã  
não perdia uma missa  
o seu Deus era um Deus feito  
de amor e de justiça

O gari tinha no peito  
retidão e lealdade  
não tinha em seu dicionário  
a palavra falsidade  
sabia ser pros amigos  
um amigo de verdade.

Zé João de fato era  
um homem de muita fé  
na sua casa de taipa  
no beco do Jacaré  
a sala cheia de santos:  
Maria, Jesus, José.

Era aquele homem pobre  
muito fino e educado  
trabalhava sempre rindo  
no seu serviço puxado  
tirava das ruas o lixo  
bem feliz e conformado

Verdadeiramente era  
a Deus um homem temente  
vivia de seu trabalho  
bem feliz com sua gente  
da plantinha do amor  
havia nele a semente.  
(DANTAS. 2005.1 - 2)

Como podemos perceber nas estrofes acima, o imaginário presente neste cordel traz uma visão de como deve ser o homem para que após sua morte o “endereço” de sua alma seja o Paraíso celeste. Em contra partida, neste mesmo cordel Janduhi Dantas faz uma crítica aos ricos, aos políticos e todos aqueles que segundo o poeta se acham importantes:

À pessoa que pensava  
que era gente importante  
José João contou o sonho  
(pra muitos, preocupante!)...  
Alertou gente mesquinha  
Vaidosa e arrogante.  
(LEITE. p. 6)

Sobre o Céu, o poeta Janduhi Dantas utiliza um imaginário bastante comum em culturas de tradição cristã católica, a ideia de que a entrada do Paraíso celeste é guarnecida por um portão, o qual é aberto por “São Pedro” que segundo a tradição cristã seria o detentor das chaves do Céu:

Quando o gari muito simples  
do céu bateu no portão  
São Pedro foi recebê-lo  
sorrindo e bem bonachão  
deu-lhe um tapinha nas costas  
e lhe disse: “Entra, Zé João!”.  
(LEITE. p. 8)

O poeta paraibano Leandro Gomes de Barros escreveu um cordel com o título de “Uma viagem ao Céu. Esse folheto é mais um exemplo de como o poeta popular, que representa na maioria das vezes o pensamento do povo, imagina o que há de vir após a morte. O cordel em questão, é uma narrativa de uma viagem que um homem teria feito ao Céu. Também nesse cordel podemos perceber a ideia da possibilidade de um vivo visitar o Além, neste caso o Céu, e depois retornar a terra:

Afinal cheguei no céu  
A alma bateu na porta  
Com pouco chegou S. Pedro  
Que andava pela horta  
Perguntou-lhe: esta pessoa  
Inda é viva ou já é morta?

Então a alma respondeu:  
É viva estava no mundo  
Não tinha de que viver  
Está feito um vagabundo  
Lá que não for bem sábio  
Passa fome e vive imundo  
(BARROS. 2002. p. 100)

Em “Uma viagem ao céu”, o imaginário sobre como seria o céu é repleto de elementos da vida material. Leandro Gomes de Barros, em sua narrativa, imagina que tudo o que em vida traz prazer, existe em abundância no Céu. Coisas como comida, dinheiro, entre outras, como atestam as estrofes a seguir:

Vi na horta de São Pedro  
Arvoredos bem criados  
Tinha pés de plantações  
Que estavam carregados  
Pés de libras esterlinas  
Que já estavam deitados

Deu-me dez pés de dinheiro  
Alguns querendo botar  
Filhos de queijo do reino  
Já querendo safrejar  
Uns caroços de brilhantes  
Pra eu na terra plantar

Vi cerca de queijo e prata  
Na lagoa da coalhada  
Atoleiros de manteiga  
Mata de carne guisada  
Riacho de vinho do porto  
Só não tinha imaculada

Galhos de libras esterlinas  
Deu-me cento e vinte pés  
Deu-me um saco de semente  
De cédulas de cem mil réis  
Deu-me maniva de prata  
E diamante uma dez  
(BARROS. 2002. p. 101)

O ambiente imaginário criado por Leandro Gomes de Barros, no cordel em questão, assemelha-se a um ambiente típico da zona rural, como podemos perceber nas estrofes acima citadas. As palavras: “arvoredo”, “plantações”, “cerca”, “riacho”, “galhos”, “semente”, “maniva”, reforçam a ideia de que no imaginário popular, o Céu é uma continuação da vida terrena, e neste caso o poeta utiliza-se não apenas de um cenário regional, mas também de outros elementos típicos do nordeste brasileiro como: “queijo”, “coalhada”, “carne guisada” e “manteiga”.

Em alguns cordéis, o Céu é imaginado como cenário para encontros com Jesus. Nestes encontros o visitante vai reclamar das desgraças que ocorrem no mundo. Em cordel, intitulado “O Satanás reclamando a corrupção de hoje em dia”, o poeta José Costa Leite promove uma visita de satanás ao Céu para falar com Jesus, na intenção de reclamar que o inferno estaria ficando superlotado:

Jesus disse: - Mas porque Veio me fazer ciente O diabo disse: - Não tenho Mais lugar suficiente O inferno está cheinho E todo dia chega gente.	Já fiz 18 andares No inferno o mês passado Com 6 mil apartamentos E uma puxada de um lado Não tem uma vaga só Já está tudo lotado. (LEITE. p. 2)
---	--

Personagens regionais são também muito utilizados em cordéis. O poeta José Medeiros de Lacerda<sup>7</sup> produziu um cordel em que o cangaceiro lampião faz uma visita a Jesus. O folheto tem o seguinte título: “Uma recente visita de Lampião a Jesus”. O imaginário sobre o Céu se faz presente nas estrofes a seguir:

São Pedro estava entretido em uma reunião manda o paciente Jó atender a Lampião esse não criou impasse mandou que ele esperasse e lhe apontou um salão	Lampião disse: - Apois bem, num estou mesmo avexado! arrodeou a pracinha viu um altar enfeitado com muitos anjos voando e entre os santos rezando viu jararaca ajoelhando.
--	--

<sup>7</sup> José Medeiros Lacerda, natural de Santa Luzia, Paraíba, se formou no curso de Letras na cidade de Patos, pela antiga FFP, hoje FIP – Faculdade Integradas de Patos. Aos 08 anos de idade já escrevia suas primeiras histórias, como “O Aventureiro” que narrava aventuras de um garoto, na Fazenda da Passagem do Meio. No teatro foi autor, dançarino e coreógrafo; hoje, com mais de 60 anos de idade, é professor de Português e cordelista com um considerável número de títulos publicados. A participação em projetos de incentivo à cultura contribuiu para que seus cordéis estivessem presentes nas bibliotecas das Universidades Federais e Estaduais da Paraíba (UFPB, UFCG e UEPB), assim como na Fundação Ernani Sátiro e Faculdades Integradas de Patos, além de algumas escolas estaduais de Esperança, Santa Luzia e Sumé e tantas outras. Disponível em: <http://www.cielli.com.br/downloads/58.pdf> - LITERATURA DE CORDEL NO ESPAÇO VIRTUAL. Por: Arinélcio Lacerda dos Santos Júnior (G-PIBIC/CNPq - UFCG); José Hélder Pinheiro Alves (UFCG). Acessado em: 01/2011

Reconduziu Lampião  
a um pátio que tem  
disse: - O Senhor ta ocupado  
mas logo mais ele vem.  
Fique aqui na pracinha  
pode dar uma voltinha  
de repente encontra alguém.

Soltou um grito abafado  
chamado sua atenção  
jararaca alegremente  
veio em sua direção  
na surpresa dessa hora  
lhe perguntou sem demora:  
O que faz aqui meu, patrão?  
(LACERDA. p. 2 - 3)

Como podemos perceber no imaginário deste cordel, o céu teria: um salão, uma pracinha e também um altar. Outro ponto que deve ser destacado é a presença de cangaceiros no Céu além daquele que faz a visita (Lampião), desta forma, o poeta demonstra sua simpatia por aqueles que mesmo tendo sido violentos assassinos, depois de mortos e segundo o imaginário popular estariam no Céu. O Céu, para os cangaceiros no cordel, seria uma forma de homenageá-los, já que em suas expressões culturais na maioria das vezes o nordestino elege os cangaceiros como “heróis” do nordeste.

No folheto de cordel “O grande encontro de S. Pedro com Lampião”, de autora de José Pacheco, a figura do “Rei do cangaço” é também utilizada. O cordel narra que o poeta procurando saber onde está Lampião, teria percorrido toda sorte de lugares existentes e “imaginários”, tendo encontrado um “velho” recebeu dele a notícia de que Lampião teria chegado ao Céu e lá não foi bem recebido por São Pedro, ocorrendo assim um “debate” entre os dois, que quase acabou em briga de Lampião, São Pedro e vários outros santos citados pelo poeta. Também neste cordel observamos a incorporação de elementos culturais nordestinos, como por exemplo, os Santos se preparando para enfrentar a briga, armando-se de faca. Vejamos um trecho da discussão de São Pedro com o Lampião:

- Você não entra atrevido  
(São Pedro lhe disse assim)  
ingresso a quem é ruim  
nesta porta é proibido  
não sabes que sois bandido  
matador da vida humana  
alma ferina e tira  
coração cruel, perverso;  
Como queres um ingresso  
nessa mansão soberana?

- É certo que fui bandido  
perverso, estrompa, voraz  
porém quem foi não é mais  
É mesmo que não ter sido  
mesmo eu sou garantido  
por um provérbio que tenho  
escrito sobre um desenho  
por pessoas elevadas  
o qual diz: “águas passadas  
não dão volta a meu engenho”.  
(PACHECO. P.6)

Um encontro no Céu entre duas figuras muito populares no nordeste brasileiro é feita por Varnecki Santos do Nascimento<sup>8</sup> no cordel “Encontro de Frei Damião com Lampião no Céu”. O poeta cria um encontro imaginário entre as personagens já citadas. Nesse encontro, Lampião tenta mostrar que não foi tão cruel como dizem e que tudo que fez foi devido ao descaso que a região estava em sua época, sem lei e sem esperança, e mais cruel do que ele eram os coronéis. O Poeta propõe uma reflexão histórica sobre o cangaço e seus reais motivos. Eis um trecho deste cordel em que Lampião conversa com Frei Damião:

Diante à inoperância  
Da justiça e da ação  
Profícua pra todo o povo  
Eu tomei uma decisão:  
De no Nordeste ser rei  
Implantando minha lei;  
“Justiça com a própria mão”

- Tem de fato essa vertente,  
Histórica a ser trabalhada  
Pra contar dos coronéis  
Cada ação malfadada  
Só assim vais se remir  
E da culpa se eximir  
Ou tê-la amenizada.  
(NASCIMENTO. p.6)

De autoria de José Francisco Borges<sup>9</sup>, o folheto de cordel “A chegada da prostituta no Céu” narra a história de uma prostituta que teria entrado no Céu por permissão de São Pedro que se agradou dela, teriam os dois dormido juntos, mas daí por diante a prostituta começou a dormir com vários santos que passaram a disputá-la. É uma ideia bastante diversa de Céu das que vimos em outros cordéis, um Céu que uma prostituta transforma em “cabaré” como disse o poeta em suas rimas:

<sup>8</sup> Nascido na cidade de Banzaê – BA, em 24 de abril de 1978, Varnecki dos Santos do Nascimento publicou seu primeiro folheto de cordel em 2001. Segundo informações, o poeta teria escrito mais de 100 folhetos de cordel e realizado diversas palestras no estado de São Paulo sobre a arte do cordel. A biografia de Varnecki Santos do Nascimento encontra-se publicada na capa do cordel Encontro de Lampião com Frei Damião.

<sup>9</sup> José Francisco Borges (mais conhecido como J. Borges) nasceu em Bezerros, Pernambuco, em 20 de dezembro de 1935, é um xilo gravurista e cordelista. De família humilde, desde pequeno, estudava pouco e trabalhava muito. Trabalhou na agricultura, foi marceneiro, mascate, pintor de parede e oleiro. Aos 29 anos, publicou seu primeiro cordel: “O encontro de dois vaqueiros no sertão de Petrolina”. Mais do que pelas poesias, J. Borges ficou conhecido pela arte da xilogravura. Existem informações de que o poeta é conhecido internacionalmente e de que algumas de suas obras estão no Museu do Louvre. “A Chegada da Prostituta no Céu” é o cordel de maior sucesso de J. Borges e vendeu 100 mil exemplares. Disponível em: <http://kanindecultural.jimdo.com/literatura/arievaldo-viana/grandes-autores/> Acessado em: 01/2011.

Disse ele: hoje mesmo  
 Antes d'eu tomar café  
 Eu vou contar a Jesus  
 Essa puta como é  
 Depois de sua chegada  
 O céu virou cabaré.

Ele foi e disse a Jesus  
 Que ela era depravada  
 Jesus respondeu bem calmo  
 Deixa essa pobre coitada  
 Se na terra sofreu tanto  
 Como vai ser castigada  
 (BORGES. p.7)

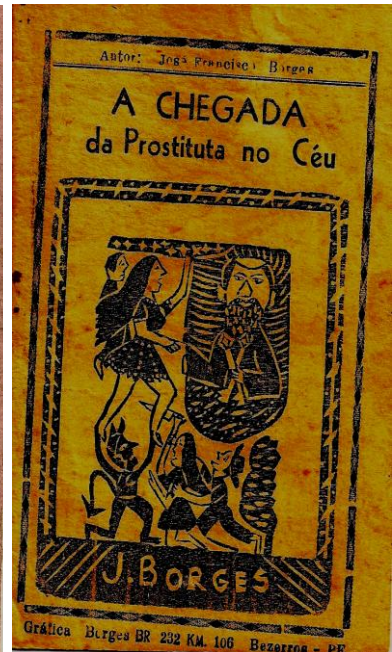
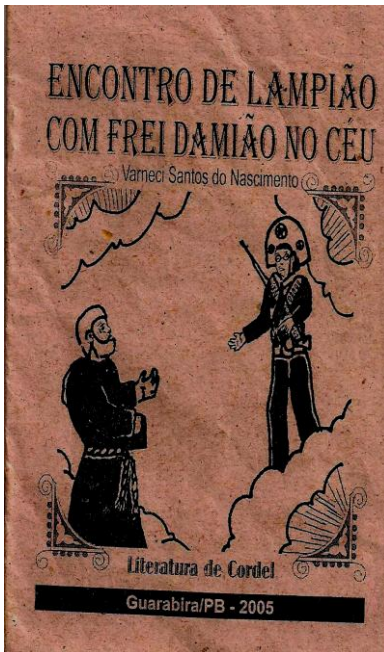
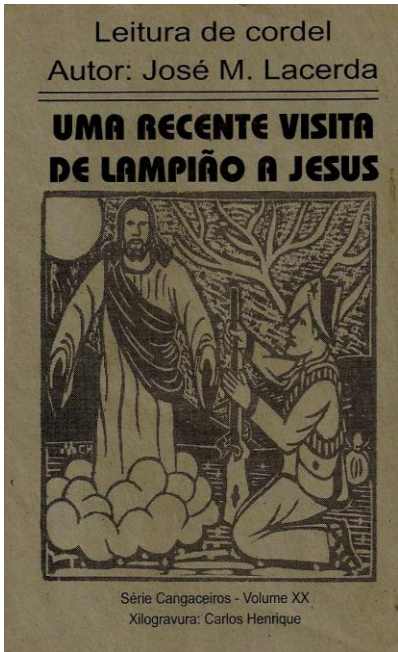
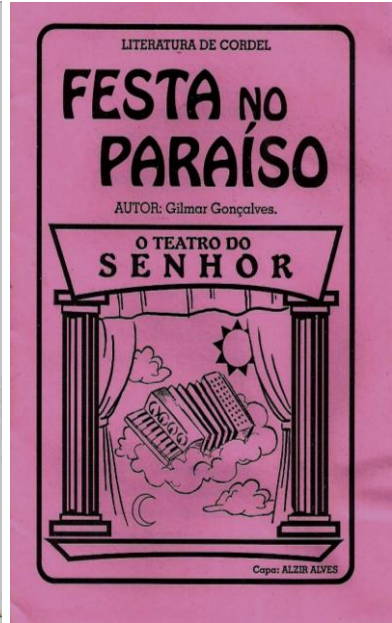
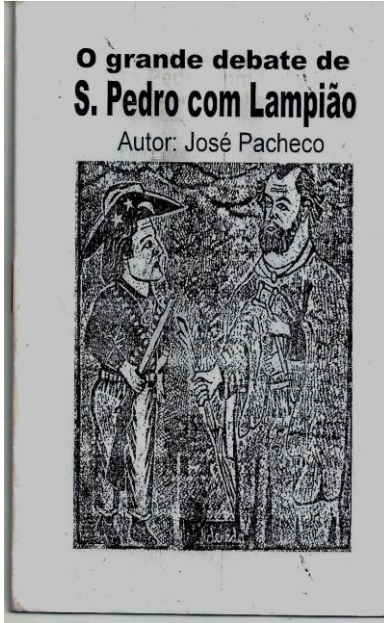
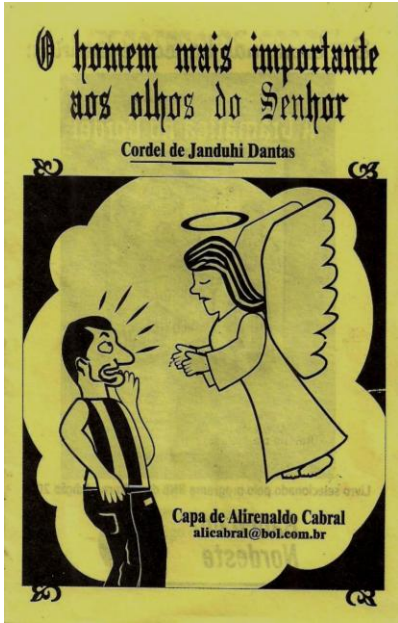
Em “Festa no Paraíso”, o poeta popular Gilmar Gonçalves conta que estando “melado de cachaça” sonhou que teria chegado ao Céu, e lá teria visto muitas pessoas famosas, escritores brasileiros, poetas populares. Vemos que Gilmar Gonçalves utiliza-se do imaginário do Céu para prestar homenagens que em sua maioria são destinadas aos artistas populares nordestinos, como podemos ver nas estrofes que se seguem:

Ouvi aquele vozeirão  
 Era Galego aboiador  
 No meio de violeiros  
 E repentista cantador  
 Coco de embolada  
 Poeta fazendo toada  
 No palco do Salvador

Um belo trocadilho  
 Lá no santuário da fé  
 Tinha poema de mestre  
 Pra se aplaudir de pé  
 Um desafio maneiro  
 Era Pinto de Monteiro  
 E Patativa de Assaré.  
 (GONÇALVES. p. 5)

O imaginário cristão ao longo da História do cristianismo criou numerosas representações iconográficas sobre o Céu/e ou Paraíso, e foi com base nestas imagens que os poetas populares com o auxílio de artistas habilidosos na arte popular da xilogravura representaram as personagens e outros elementos (ligados ao enredo) nas capas dos cordéis, como podemos observar nas imagens a seguir:







## Considerações finais.

Podemos dizer que o imaginário popular do pós-morte cristão presente nas literaturas de cordel constituem-se em uma criativa e bem humorada forma de encarar a morte e o desconhecido pós-morte. A incerteza do que há de vir após a morte abre espaço para um vasto universo imaginário que sem dúvida não se esgota com a análise feita neste trabalho. Os cordéis que tratam da temática aqui estudada não abrangem todo o imaginário popular sobre o pós-morte, constituindo-se apenas em um recorte, uma pequena parte de um todo que é demasiado amplo, ou seja, o imaginário popular.

Os lugares imaginários do pós-morte cristão analisados neste trabalho, no caso do cordel, são utilizados pelos poetas populares, em muitos casos, para expressarem os valores morais de sua cultura. Quando o espaço imaginário nos cordéis é o Inferno, ele serve para mostrar que as transgressões morais ocorridas no meio sociocultural em que o poeta vive são merecedoras de condenação.

No caso do Céu, este espaço imaginário se constitui no local onde o poeta popular expõe aquilo que ele mais preza, ou ainda, faz a sua súplica utilizando-se de diversos personagens diferentes.

No Purgatório ficam os delitos menores, juntamente com seus infratores, porém no imaginário popular do cordel, este espaço parece mais ligado ao Inferno do que um lugar de purificação para os pecadores.

O imaginário popular do pós-morte na literatura de cordel revela ainda traços marcantes da religião cristã no Brasil, sobretudo na região nordeste, por suas fortes tradições religiosas, refiro-me a traços tais como: o diabo imaginado com rabo, chifres, com cheiro de enxofre. Esta personagem recebe nos cordéis vários nomes (diabo, cão, sataná, demônio entre outros), no entanto todos significando a mesma entidade. No Céu, São Pedro é a personagem mais comum, sempre como aquele que recepciona as almas, permitindo ou não que elas entrem no Céu. Mas o mais interessante neste imaginário é como o poeta popular reinventa o imaginário religioso incorporando traços culturais nordestinos como: danças (farró), comidas típicas, faca, facão, pelejas, emboladas, sanfona, entre outros. Percebemos que o pós-morte no cordel tem seu próprio imaginário, mas sem perder o seu sentido cultural religioso.

O cordel como fonte de estudo do imaginário popular, seja do pós-morte ou de qualquer outro tema, se mostra como uma das principais formas de expressão do povo, através dos versos dos poetas populares, que apesar de pouco reconhecidos, são artistas de imensa criatividade, são verdadeiros autores, como afirma Márcia Abreu (2004):

A literatura de folhetos produzida no Nordeste brasileiro desde o final do século XIX coloca homens e mulheres pobres na posição de autores, leitores, editores e críticos de composições poéticas. Em geral, associam-se esses papéis a pessoas da elite – se não financeira, ao menos intelectual –, mas, no caso dos folhetos, gente com pouca ou nenhuma instrução formal envolve-se intensamente com o mundo das letras, seja produzindo e vendendo folhetos, seja compondo e analisando versos, seja lendo e ouvindo narrativas. (ABREU. 2004. p.200)

## Referências:

PATLAGEAN, Evelyne. A história do imaginário. In: Le Goff, Jacques; Chartier, Roger; Revel, Jacques; (Org.). **A história nova.** [ tradução Eduardo Brandão]. – 4ª ed. – São Paulo : Martins Fontes, 1998. – p. 291- 312.

REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: Alencastro, Luiz Felipe de. (Org.). **História da vida privada no Brasil** : Império. – São Paulo : Companhia das Letras, 1997. – ( História da vida privada no Brasil; 2). Cap. 2, p. 95 – 142.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.** – São Paulo : Companhia das Letras, 1991.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no imaginário cristão.** Bauru, SP. EDUSC, 2002.

LIBÂNIO, João B. e BINGEMER, Maria Clara L. **Escatologia cristã – O Novo Céu e a Nova Terra.** Serie III: a libertação na história. Petrópolis, RJ. Editora Vozes Ltda, 1985.

FEINER, Johannes e LOEHRER, Magnus.(editores). **Mysterium Salutis: compêndio de Dogmática Histórico-Salvífica.** Petrópolis, RJ. Editora Vozes Ltda, 1984.

FRANÇA, Marcos Antônio Pessoa de. **Para rir até chorar... com a cultura popular.** João Pessoa : Sant'ana, 2008.

MEDEIROS, Irani. **No reino da poesia sertaneja;** antologia Leandro Gomes de Barros. – João Pessoa : Editora Universitária, 2002.

DANTAS, Janduhi. **História do chefe mau que foi prestar contas ao Cão.** Patos, 2005.

DANTAS, Janduhi. **A alma do senador que caiu na lábia do Cão.** Editora Cordeiraria Campos Filho. Patos, 2007.

DANTAS, Janduhi. **O Homem mais importante aos olhos de Deus.** Patos, 2005.

LEITE, José Costa. **O Sanfoneiro que foi tocar no inferno.** Recife: Editora Coqueiro, s/data.

LEITE, José Costa. **Satanás na Gafieira.** Recife: Editora Coqueiro, s/data

LEITE, José Costa. **O Satanás reclamando corrupção de hoje em dia.** Recife: Editora Coqueiro, s/data.

LEITE, José Costa. **O Matuto Que Vendeu A Alma ao Satanaz.** Recife. s/data

LACERDA, José M. **Uma recente visita de Lampião a Jesus.** Recife: Editora Coqueiro, s/data.

PACHECO, José. **O grande debate de São Pedro com Lampião.** (local, editora e data, não informados).

PACHECO, José. **A chegada de Lampião no inferno.** (local, editora e data, não informados).

BORGES, José Francisco. **A chegada da Prostituta no Céu.** Bezerros, PE. Gráfica Borges. s/data.

SANTOS, Apolônio Alves dos. **Os mistérios da Macumba** (local e editora, não informados), 1985.

SANTOS, Apolônio Alves dos. **Lampião vai ao inferno buscar Maria Bonita.** Campina Grande, PB (editara e data não informadas).

GONÇALVES, Gilmar. **Festa no Paraíso.** João Pessoa, PB. (editara e data não informadas).

NASCIMENTO, Varneci Santos do. **Encontro de Lampião com Frei Damião no Céu.** Guarabira, PB. (editora não informada), 2005.